

A luta em defesa da saúde no Brasil gerou uma série de questionamentos e críticas as políticas, modelos e práticas de formação dos trabalhadores sustentados pelo tecnicismo, pela fragmentação do conhecimento e pela divisão social do trabalho. Dos questionamentos e críticas surgiram proposições que ensejam iniciativas capazes de transformar tanto os processos formativos como as formas de organização do trabalho na saúde. Dentre essas proposições, a educação politécnica foi fortalecida no âmbito da formação profissional em saúde, particularmente, no contexto de construção da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), uma das unidades técnico-científicas da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola busca romper as práticas que preparam os trabalhadores, através de treinamentos e capacitações, para ocuparem postos de trabalho oferecidos pelo mercado, sem formar uma visão crítica e transformadora da realidade. A EPSJV defende a Educação Profissional em Saúde (EPS) como um objeto de disputa de projetos societários e, por isso, investe cotidianamente em estratégias educativas, com base na noção de politécnia, que implicam no processo de pesquisa, na articulação entre teoria e prática, e numa visão crítica dos modos de produção e das bases científicas de organização do trabalho. Com base no pensamento de Marx o termo politécnia está relacionado com a problemática do trabalho e tensiona a separação entre trabalho intelectual e trabalho manual, entre os que pensam e os que executam. Desta forma, a EPSJV supera a concepção legal de Educação Profissional e a ressignifica no campo da saúde como um processo de formação técnica, política e, acima de tudo, eticamente comprometida com a democracia. Nesse sentido, organizar a educação profissional de nível médio nas bases da politécnica significa articular educação, trabalho, ciência e cultura. No esforço de construção da EPS como uma prática social constituída e constituinte, a escola versa pela formação integral e garante no currículo conteúdos e práticas que articulam formação geral e conhecimentos específicos. Nesse sentido, em 2002, foi instituído o Módulo Básico como uma estratégia de construção de um currículo integrado entre a formação geral e a educação profissional - um espaço comum de formação dos alunos das três habilitações técnicas (Gestão, Vigilância em Saúde e Análises Clínicas). Em 2004, foram incorporadas práticas de trabalho de campo em serviços de saúde e o processo avaliativo passou a considerar a participação dos alunos e a elaboração de relatórios coletivos das experiências. Em 2006, encontros entre professores e alunos impulsionaram mudanças no sentido de promover posturas ativas no processo de construção da politécnia. Assim, o Módulo Básico foi substituído pela Iniciação à Educação Politécnica (IEP) que reforçou a importância de se instituir novas bases para a formação dos alunos. O conteúdo foi então reorganizado em quatro Eixos Teóricos (ET): Saúde, Política, Trabalho e Ciência. Além disso, no lugar do trabalho de campo nos serviços de saúde, foi construído um outro dispositivo pedagógico denominado Trabalho de Integração (TI), organizado em torno de um tema de pesquisa, proposto para aproximar os alunos da realidade da saúde pública e para facilitar a articulação entre teoria e prática. Cada TI envolve aproximadamente 10 alunos e 2 ou 3 preceptores que orientam o trabalho. No âmbito da IEP, a busca pela integração curricular tem potencializado a reflexão coletiva sobre as práticas atuais de ensino, sobre as possibilidades

de incorporação de tecnologias educativas (ativas e participativas) e sobre a importância de construir uma avaliação processual que considere o desenvolvimento do aluno, sua participação nos momentos formativos, a significação dos conteúdos discutidos, e também as estratégias de ensino e a implicação dos professores em todo o processo. Assim, para superar o modelo pontual de avaliação, em 2008, o portfólio foi incorporado como o principal instrumento de avaliação individual dos alunos, que são também avaliados coletivamente pela participação no trabalho e pela apresentação da experiência do TI em dois seminários, ao final de cada semestre. Tradicionalmente, o portfólio está ligado ao mundo das artes visuais e da moda, apresentando-se como um *dossier*, em que são agrupados documentos e trabalhos de um determinado assunto, que serve como cartão de visita para apresentação de produções individuais ou coletivas. É uma forma de tornar os trabalhos portáteis, tê-los em mãos, reunidos em um só lugar. Mas recentemente o conceito de portfólio adquiriu uma reconfiguração específica no campo educativo e foi incorporado como um instrumento de acompanhamento e avaliação do processo de ensino e de aprendizagem. No Brasil, algumas experiências com o portfólio foram publicadas, principalmente, nos últimos cinco anos e a literatura o apresenta como instrumento ou procedimento de avaliação formativa e reflexiva. As concepções possuem ênfases diferenciadas, mas em geral o portfólio é entendido como um instrumento, um guia ou um suporte de registro e memória do processo de aprendizagem, constituindo-se numa alternativa para o acompanhamento e avaliação dos alunos, um registro qualificado de um currículo que organiza as evidências da aprendizagem. Os relatos das experiências publicadas apontam que num primeiro momento professores e alunos apresentam dificuldades e resistências enunciadas pelo medo e pela insegurança de lidar com o novo, mas que com o tempo o portfólio torna-se reflexivo, significativo e prazeroso. A experiência na EPSJV não foi diferente. A avaliação do uso do portfólio no final de 2008 revelou que a maioria dos alunos o considerou um interessante instrumento de avaliação, mas também o achou confuso e complicado, solicitando maior orientação no processo; as principais dificuldades apontadas foram a falta de tempo para sua organização e a integração dos conteúdos discutidos. No ano seguinte, prevaleceu novamente uma defesa do portfólio como instrumento de avaliação, mas as dificuldades em relação ao tempo e à sobrecarga de trabalho se ressaltaram mais do que a falta de orientação. Entendemos que essas reflexões apontam para a dificuldade inicial, relacionada com o estranhamento do novo, de integração do portfólio no processo educativo, dificuldade também sentida pelo corpo docente. Depois de compreendida a importância de direcionar e problematizar as atividades educativas com o objetivo de gerar processos e produtos cognitivos para compor o portfólio, o planejamento no ano seguinte gerou uma sobrecarga de trabalho para os alunos. Assim, no início de 2010 foi reforçada a importância de entender o portfólio como espaço de expressão do aluno, de síntese de ideias, de exposição dos resultados das pesquisas e das atividades pedagógicas; não como um suporte de registro quantitativo, de coleção das evidências da aprendizagem; e sim como um processo de construção do pensamento crítico sobre os saberes e práticas de saúde. Desta forma, a incorporação do portfólio na EPSJV tenta fugir de qualquer tipo de padronização que aprisione

a singularização do ensino e da aprendizagem. Assim, a orientação é promover atividades que incentivem a pesquisa e a organização do conhecimento, e que gerem produtos para compor o portfólio, segundo as escolhas do aluno e em diálogo permanente com os professores, como imagens, resenhas de textos, redações, reportagens, leituras de filmes, charges, mapas etc. O portfólio é um espaço de expressão do ensino e da aprendizagem, por diferentes linguagens, que requer tanto a participação dos professores como dos alunos, e sua incorporação busca firmar o PPP da EPSJV. Por isso, para além de possibilitar o acompanhamento e a avaliação processual da aprendizagem, é entendido como um dispositivo, uma tecnologia ativa que facilita a articulação entre teoria e prática. Nossa experiência entende que o portfólio mostra-se coerente com a educação dialógica, possibilita o acompanhamento do desenvolvimento do aluno, fortalece a participação nos momentos formativos, a significação dos conteúdos discutidos e a reflexão crítica das estratégias educativas e da prática docente; superando assim sua função avaliativa, uma vez que expressa um saber-fazer e se constitui como uma tecnologia de formação, mediação e participação de alunos e professores. Portanto, se por um lado, o portfólio é mais do que um instrumento de avaliação, esta, por sua vez, no contexto da formação politécnica, extrapola o portfólio, pois se preocupa com a crítica e com a transformação do trabalho. O importante não é idealizar o portfólio, mas entender a importância de construirmos meios mais justos, participativos e diversificados de avaliação, capazes de integrar educação, trabalho, ciência e cultura; e incentivar a criatividade, a auto-avaliação, a avaliação coletiva, o planejamento coletivo, o desenvolvimento cognitivo e epistemológico, o potencial artístico e crítico dos alunos. O importante é assumir, sobretudo, uma avaliação que tome como ponto de ancoragem o trabalho, o trabalho construído na escola, na relação entre professores, técnicos e alunos – e isso vai muito além de buscar evidências do processo de aprendizagem, preocupação essa bastante positivista.

Palavras-chave: tecnologia educacional, educação profissional em saúde, portfólio